

"CARA DE BRONZE": UMA VISÃO MITOLÓGICA

LÚCIA HELENA VILELA*

RESUMO

Análise do conto "Cara de Bronze" de Guimarães Rosa de acordo com o princípio de organização social tripartite proposto pelo professor Georges Dumézil em seu estudo de mitologia comparada. A transposição dessa divisão tripartite, em contrada em sociedades indo-européias, para o contexto de um conto brasileiro, visa proporcionar uma ampliação dos horizontes no estudo da mitologia comparada e evidenciar ainda mais o caráter universal do sertão na obra de Guimarães Rosa. (Trabalho realizado inicialmente durante o curso de Metodologia da Crítica Literária I, ministrado pela Professora Eneida Maria de Souza - 2º semestre de 1984).

A mitologia comparada é um assunto de grande originalidade e que desperta muita controvérsia. Georges Dumézil¹, professor de civilização indo-européia no Collège de France e diretor de estudos da Section des Sciences Religieuses da École des Hautes Études da Sorbonne, desenvolveu um estudo único no que se refere à mitologia comparada. Dumézil adicionou ao já existente e tradicional estudo comparado dos mitos, épicos, rituais e contos folclóricos dos povos de língua indo-européia, uma dimensão sociológica e antropológica funcionalmente orientada. O trabalho do professor Dumézil trouxe uma nova concepção das relações entre linguagem, mito e organização social. Esta concepção tem profundas implicações não só para a antropologia social como para as ciências sociais como um todo.

Este novo estudo comparado da mitologia indo-européia, devido à ênfase que dá a uma interpretação sociológica dos dados mitológicos, tem despertado o respeito de linguistas, folclo

*Professora de Língua Inglesa da Universidade Federal de Ouro Preto.

ristas, mitólogos, historiadores de religião e antropólogos europeus. Estes especialistas, que inicialmente acusavam o professor Dumézil de simplificação em excesso, acabaram por serem forçados a considerar que um conjunto de mitos está funcionalmente interrelacionado a um conjunto de instituições sociais e a uma ideologia comum, seja na antiga Itália, Escandinávia, Iran ou até mesmo na Grécia.

Anova mitologia comparada despertou o interesse para a idéia de que mitos, sagas, etc. indo-europeus ou não, são vistos com maior exatidão na medida em que refletem uma ideologia comum subjacente. Esta ideologia se manifesta não apenas no mito e na religião como também na própria natureza da organização social.

O professor Dumézil, ao aplicar à sua análise o princípio sociológico fundamental de Émile Durkheim de que as pessoas, lugares, eventos e situações que são expressos nos mitos são inevitavelmente representações de importantes realidades sociais e culturais, procurou demonstrar que as antigas sociedades de língua indo-européia da Índia, Europa e alhures comparavam de um conjunto comum de representações coletivas. Dumézil afirma que a maioria, senão todas essas sociedades indo-européias eram caracterizadas, pelo menos nos tempos antigos conhecidos, por uma organização social tripartite hierarquicamente ordenada, cada estrato da qual coletivamente representado no mito e épico pelo conjunto de deuses e heróis apropriados. Estes três estratos sociais incluem, em ordem de precedência, um estrato sacerdotal, um estrato guerreiro e um estrato pastoril-agricultor, juntamente com sua contraparte mitológica. Cada um destes estratos deu a sua contribuição específica para a manutenção de todo o sistema social e, ou sobre natural. Aparentemente pode ter sido por essa razão que Dumézil resolveu referir-se a esses estratos como função (*fonctions*).

Segundo Dumézil, a primeira e mais importante função (o estrato sacerdotal e suas representações míticas) preocupava-se com a manutenção da soberania e da ordem mágico-religiosa e jurídica; a segunda função (o estrato guerreiro e suas representações) preocupava-se com a proeza e a bravura física e a terceira função e a de menor importância (o estrato pasto-

ril-agricultor e suas representações) era encarregada da provisão e sustento, da manutenção do bem-estar físico, da fertilidade animal e vegetal, e outras atividades correlacionadas. Subjacentes a este sistema ou estrutura social e sobrenatural tripartite, encontrava-se uma ideologia tripartite, uma tendência em conceber os fenômenos em geral como divididos em três categorias interrelacionadas, definidas em termos das três funções acima mencionadas.

Dumézil usa o termo função de um modo peculiar, diferente do que os antropólogos e sociólogos considerariam como sendo funções servidas pelos três estratos sociais e sobrenaturais indo-europeus. O termo função do modo como é usado por Dumézil não se refere ao estrato social, ao comportamento de seus ocupantes e suas representações divinas, mas sim aos princípios em termos dos quais estes fenômenos são definidos. Dumézil vê esses estratos como a soma de três princípios classificatórios fundamentais: soberania, força e nutrição.

Em suma, com base na análise comparada das várias formas sociais e mitológicas apresentadas pelo mundo antigo de língua européia, Dumézil conclui que esse mundo, antes de se desmembrar, era caracterizado por uma ideologia tripartite e que os elementos desta ideologia eram transmitidos pelos herdeiros aos mais distantes domínios do que se tornou a sociedade de indo-européia histórica. Segundo Dumézil, esses elementos podem ser descobertos na maioria (mas não em toda) da literatura mitológica e épica indo-européia, desde os Vedas da antiga Índia até os Eddas da Islândia pré-cristã, desde os Mahabharata até os Heimskringla.

O objetivo deste trabalho é fazer uma transposição da divisão mitológica básica em três estratos apresentada pelo professor Dumézil para o contexto do conto "Cara-de-Bronze" de Guimarães Rosa. Antes de entrarmos na análise do conto propriamente dita daremos um breve apanhado dos exemplos apresentados por Dumézil para a sua divisão tripartite.

A tríade indiana

Para exemplificar a teoria do professor Dumézil, tomare-

mos inicialmente as comunidades do norte da Índia. Como se sabe, a organização social clássica indiana é composta de quatro classes principais: os Brahmanas, ou sacerdotes; os Kshatriyas, ou guerreiros; os Vaisyas, ou agricultores e os Sûdras, ou aqueles cuja obrigação é servir a todos os outros. Os Sûdras eram párias incluindo conquistados e a população indígena. Em muitas regiões não existe uma clara distinção entre Vaisyas e Sûdras. De acordo com as funções divinas, os Brahmanas encarregam-se de servir como árbitros de disputas legais e contratuais, servir de executores de funções mágicas e religiosas, fazendo casamentos, etc. No segundo nível, encontramos os deuses guerreiros dominados pela figura imponente de Indra, que personifica o ideal guerreiro, sua função é proteger a sociedade da ameaça de uma invasão armada. Ela é caracterizada pelo vigor físico e pela força, principalmente mas não unicamente guerreira. Finalmente no nível mais baixo aparecem um grande número de divindades cuja função principal é manter e promover a fertilidade animal e vegetal e assegurar boas colheitas.

Se esse sistema se limitasse à Índia védica, seria difícil generalizá-lo como indo-europeu, mas Dumézil demonstrou a presença das mesmas funções nos mitos e estruturas sociais da maioria das comunidades de língua indo-européia. No que se refere ao ocidente, Dumézil encontrou excelentes exemplos de tripartição social e sobrenatural na Roma antiga. Ele a encontrou nos antigos reis de Roma, Rômulo e Numa. Rômulo representando a soberania mágico-religiosa e Numa representando os aspectos legais e racionais da soberania. Ambos representam o primeiro nível. No segundo, temos o guerreiro Tullus Hostilius. A terceira função menos evidente e Dumézil a encontra representada pelas Sabinas, que eram tradicionalmente vistas como devotas da luxúria e da volúpia.

A tríade romana

Dumézil vê também a divisão tripartite no pantheon romano. Na tríade arcaica constituída por Júpiter, Marte e Quirino,

Dumézil encontra respectivamente, o lago mágico-religioso da primeira função, a segunda função e parte da terceira. Júpiter é o deus da soberania mágico-religiosa, Marte é o guerreiro e Quirino é relacionado com a atividade agrária. As funções romanas são funções sociais e não como no sistema de castas da Índia. Os romanos possuíam um estado composto de cidadãos e as três funções correspondem a três modos de vida. Um outro ponto de comparação entre os sistemas indiano e romano pode ser feito do seguinte modo: a tríade indiana espelha a cosmogonia indiana da terra, atmosfera e céu; para os romanos, os três grupos de deuses: caelestes, terrestres, e inferni, correspondem respectivamente a Júpiter, Marte e Quirino. No mundo romano as três funções transcendem os grupos sociais que as servem e são coletivamente representadas pela tríade de deuses. Júpiter, Marte e Quirino não são apenas representações coletivas de certos estratos sociais, respectivamente aqueles ocupados pelos sacerdotes, guerreiros e agricultores, eles são também, em um nível mais profundo de interpretação, a incorporação das funções servidas por esses estratos. Essas funções são as da manutenção da harmonia entre o mundo social e o sobrenatural e o exercício da soberania (Júpiter), a proteção física da sociedade (Marte) e a provisão da nutrição e do bem-estar físico (Quirino).

A Tríade em "Cara-de-Bronze"

Tomaremos como base a divisão tripartite original no estudo da mitologia comparada proposta por Dumézil para estendermos os horizontes da mitologia indo-européia para o sertão brasileiro e fazermos um estudo do conto "Cara-de-Bronze" baseado nesta mesma divisão tripartite. Para isso tomaremos basicamente a tríade romana representada por Júpiter, Marte e Quirino para agruparmos os personagens da obra.

A função mágico-religiosa representada por Júpiter encontra sua correspondência no próprio Cara-de-Bronze, Segisberto Jéia. Ele é o personagem que acumula o poder, as riquezas e o conhecimento. Os demais personagens encontram-se submissos e dependentes de sua autoridade enigmática. A sua casa é como

uma fortaleza misteriosa, ele não tem contato direto com os que se encontram no nível mais inferior. Estas pessoas que lhe são submissas não sabem nem mesmo qual é o seu verdadeiro nome e chamam-no de "Velho". O vaqueiro Sacramento diz que é: "Jizisbéu", Doím diz: "Zijisbéu Saturnim", Sacramento completa: "Jizisbéu Saturnim". A linguagem dos vaqueiros mostra a distância que os separa do Cara-de-Bronze, eles repetem o seu nome do modo como foi ouvido porque poucos são os que puderam se aproximar de Segisberto. Forma-se em torno do Velho uma corte com limites físicos intransponíveis. O vaqueiro Tadeu pode confirmar o nome de Segisberto Sartunino Jéia Velho, Filho porque esteve próximo dele, de forma misteriosa ele acaba por revelar o que sabe sobre a história pessoal do Cara-de-Bronze. Podemos tomar o nome de Segisberto como uma forma de domínio sobre o terceiro estrato. Ele domina Jéia que podemos associar com geo=terra e domina Saturno que é o deus da agricultura e que portanto preenche a terceira função. O Velho é como um senhor feudal, senhor das terras e das vidas que ali se encontram, ele é quem julga e decide o destino dos que estão a sua volta. Os vaqueiros dependem de sua decisão, eles temem que Segisberto venda suas terras:

"Vaqueiro Doím: O Velho tencionando apurar tudo o que tem, no bom dinheiro...

Vaqueiro Adino: Somente seja. Ele é dono."²

O Cara-de-Bronze é uma figura misteriosa que não sai do quarto, sua fortaleza, e apenas permite que alguns poucos dele se aproximem. Desta forma ele desperta as mais descabidas suposições por parte dos vaqueiros, cuja visão que têm dele é muito vaga. Somente Mainarte, José Uêua, Norô, Abel e o Grivo é que têm dados um pouco mais concretos a respeito dele porque tiveram uma aproximação maior, são os privilegiados, os escolhidos. O caráter mágico-religioso de Segisberto é dado pela descrição do personagem em forma de ladainha feita pelos vaqueiros:

O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, (4): p.207-217, 1985.

- "- A ponto: ele é orelhudo, cabano, de orelhas vistosas. Aquelas orelhas...
- Testão. Cara quadrada... A testa é rugas sô.
- Cabelo corrido, mas duro, meio falhado, enrolado..." (p.87)

Durante a ladainha os vaqueiros perdem a identidade para falarem de Segisberto como um eco, repetindo o que ouviram ou o que lhes foi contado.

Segisberto Jêia, além de ser aquele que detém a riqueza e o poder, pois os que vivem em sua propriedade lhe são submissos, é também o que detém o conhecimento das coisas, ele quer saber de tudo. No momento de decidir quem seria o escolhido entre os vaqueiros, estes percebem o seu poder e a distância que dele se encontram:

"Logo viram que não era mangação. Nem foi veneta. Não se brincava com o Cara-de-Bronze. Duro, duro. Ferro que queria queria aquilo - pondo em levinha balança e querendo medir com regra de prata? Quem sou besse." (p.101)

Os vaqueiros representam a terceira função, a de menor importância, estão ligados à terra e à atividade pastoril. Eles estão encarregados da manutenção do bem-estar físico, ignoram por completo o porquê das coisas, atribuem tudo ao acaso e são inteiramente submissos às ordens do patrão. Como Iinhô-Ti diz: "Também sou mandado companheiro. Patrão risca, a gente corta e cose." (p. 76) A função dos vaqueiros é apenas a de cumprir a missão que lhes foi atribuída:

"Vaqueiro Cícica: A bem, E é deveras que as boiadas vão ter de ser despachadas no meio das águas, às pressas, boi em pé, que é porque de repente deu falta de carne nas cidades." (id.)

O Cara-de-Bronze é visto como aquele que "lã de seu quarto de achacado, e que ninguém vê, dá ordens". (id.) Ao escolher o Grivo para a importante missão de buscar o "quem das coisas", Segisberto Jêia cria em torno de si, como bem o assinala Benedito Nunes, uma

"atmosfera medieval das cortes, dos jogos

e das relações entre suseranos e vassallos, nos romances de cavalaria, atmosfera que se coaduna com o estrato rural e feudal da sociedade brasileira, onde a ação do conto se transcorre. O quarto de Cara-de-Bronze congrega uma pequena corte - distante e separada dos homens do campo, que desempenham tarefas comuns do cotidiano, não tomando parte nos exercícios de "imaginamentos". Só entre os cavaleiros da Távola há noção da Demanda, incompreensível para os de fora. E como em *A Demanda do Santo Gral*, Segisberto Jéia, reencarnação sertaneja do Rei Artur, envia um outro a buscar aquilo de que necessita para a felicidade do seu reinado."³

A figura do Grivo se enquadra perfeitamente na comparação feita por Benedito Nunes. O Grivo é o cavaleiro escolhido, ele preenche a segunda função, a do guerreiro. O Grivo personifica a bravura física e a juventude daquele que vai em busca da renovação da existência do patrão. O Grivo vai sempre sozinho cumprir sua missão, buscar aquilo que os demais ignoram. Ele compartilha do segredo do Velho e compartilha também da função dos vaqueiros, ele tem o papel de mediador. O Grivo cria um clima misterioso e de aventuras na medida em que conhece um pouco da função superior e da inferior, ele pode movimentar-se do secreto e lendário quarto do patrão ao mundo da gente comum do Urubuquaquá. Lembramos também que o Grivo é o Grifo, o guardião das estradas, o animal fabuloso do qual a metade de trás é como um leão com uma longa cauda serpentina, sendo portanto associado a signos que tendem para a ambivalência.

Os vaqueiros preenchem, como vimos, a função pastoril, a terceira função, estão intimamente ligados à atividade agrária. Eles se encontram de tal maneira ligados aos animais, que compartilham da submissão que caracteriza as manadas, recebendo e cumprindo ordens. Entre eles, destacam-se Mainarte, José Uêua, Noró e Abel que têm o privilégio de se aproximar do Velho, contudo não perdem a sua característica de submissão, não compartilham do segredo, não foram dignos da escolha para a nobre missão que coube ao Grivo.

O clima mágico-religioso que cerca o Cara-de-Bronze é da do pelo coro que por vezes se intercala à fala dos vaqueiros. A figura do cantador, cognominado "Quantidades", também contribui para criar uma atmosfera um tanto mística, devido à repetição das imagens por ele utilizadas em suas rimas, o Buri-ti, por exemplo está constantemente em suas canções. O cantador é também um menestrel a serviço do rei, pois é pago para cantar, função que lembra o clima medieval do conto e que o torna uma figura estranha ao mundo dos vaqueiros.

A casa e o quarto de Segisberto Jêia são revestidos de um aspecto intocável e sagrado. O vaqueiro Mainarte fala dele como um lugar

"escuro e muito espaçoso, lugaroso, com o catre, a rede, mochos para se sentar, as arcas de couro; e uma imagem da Virgem na parede, e castiçal grande, com vela de carnaúba..."(p.85)

O Cara-de-Bronze preenche a função de preservar a soberania mágico-religiosa na medida em que ele detém o segredo, tem o poder do conhecimento, ele é visto como aquele que

"não aqueta o espírito, ele parece que está pensando e vivendo mais que todos... está sempre em atormentados... Quer saber o porque de tudo nesta vida."(p.88)

A visão dos vaqueiros lhe confere até mesmo um caráter de imortalidade já que é descrito por um dos vaqueiros da seguinte forma: "Ele parece uma pessoa que já faleceu há que anos." (id.)

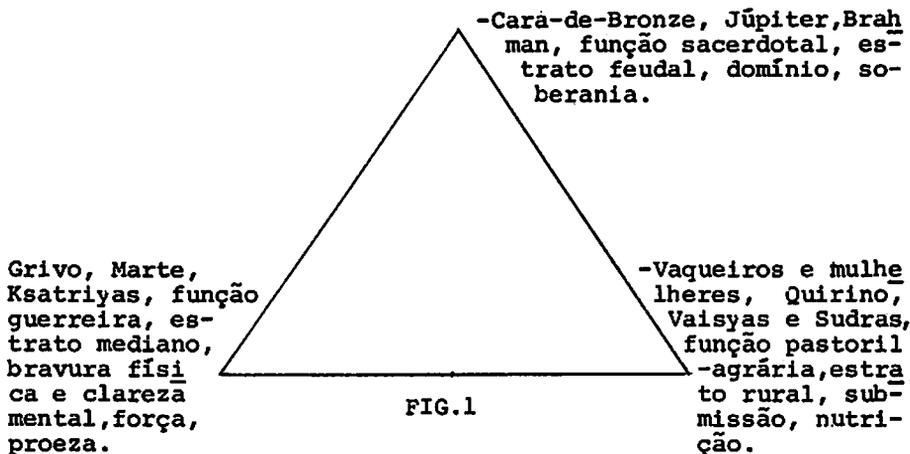
A figura feminina em "Cara-de-Bronze" vem se enquadrar como a dos vaqueiros, na terceira função. Golomira, Iãs - Flores, Soanhana e Maria Fé estão encarregadas da alimentação, e portanto da manutenção e sustento do bem-estar físico. As mulheres que o Grivo encontra durante a viagem estão também dentro da terceira função: trabalham no tear, fiando e tecendo o algodão. Existe no conto uma imagem idealizada da noiva que o Grivo foi buscar como sendo aquela dos "olhos gâzeos", ela é "muito-branca-de-todas-as-cores"(p.98) Esta imagem da donzela que seria trazida pelo cavaleiro é no entanto modificada pela descrição do Grivo. Durante a viagem, a mulher que o Grivo en

contra é bem diferente daquela, ela

"vinha sentada num carro-de-bois puxado por duas juntas, vinha para as festas, ia se putear, conforme profissão. A moça Nhorinhã era linda - feito noiva nua, to da pratas-e-ouros - e para ele sorriu com os olhos da vida." (p.117)

Esta mulher preenche a terceira função, como Dumézil coloca as Sabinas, ela está ligada à idéia de luxúria e volúpia.

Em "Cara-de-Bronze", a tríade Júpiter, Marte e Quirino encontra-se concretamente representada pela imagem do Buriti que permeia todo o conto. O Buriti está presente no dia-a-dia dos vaqueiros, na viagem do Grivo, nas comparações e na linguagem do cantador. A árvore representa a vida inexaurível, ela constitui a relação entre os três mundos: o mundo subterrâneo (inferni, Quirino), o mundo mediano (terrestres, Marte) e o mundo superior (caelestes, Júpiter).



As três funções mitológicas representadas por Júpiter, Marte e Quirino encontram sua correspondência no ambiente sertanejo de "Cara-de-Bronze", ali representados por Sêgesberto Jêia, o Grivo, os vaqueiros e as mulheres. O caráter universal das três funções é evidenciado se pensarmos que o sertão na obra de Guimarães Rosa ultrapassa a sua especificidade geográfica para simbolizar a luta da condição humana no universo

terrestre. As três funções mitológicas verificadas em "Cara-de-Bronze" não estão apenas delimitadas pelo espaço com que os homens se defrontam, mas fazem parte da corrente existencial que anima os seres humanos.

NOTAS

1. LITTLETON, 1973. p.1
2. ROSA, 1978. p.77.
3. NUNES, 1969. p.183

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Nelly Novaes e VERSIANI, Ivana. *Guimarães Rosa: Dois estudos*. São Paulo, Edições Quiron, 1975.
- LITTLETON, C. Scott. *The new comparative mythology*. Los Angeles, University of Carolina Press, 1973.
- STAPLETON, Michael. *Greek and roman mythology*. London, Hamlyn, 1982.